

## OS LANCEIROS NEGROS – A TRAIÇÃO

*José Luiz Pereira da Costa*



Ao desafiar as políticas do Império brasileiro, o Rio Grande do Sul, o estado brasileiro mais meridional, em 1835, proclamou sua independência, formando a República Rio-grandense, provocando uma reação do governo central, em uma guerra que foi registrada na História como A Revolução dos Farrapos<sup>1</sup> (Guerra dos Farrapos). O Império queria de volta a unidade Federal rebelde; lutou por ela, e finalmente conseguiu por um tratado de armistício imposto sobre a República moribunda. O estado secessionista por um longo período de dez anos enfrenta as tropas do Império em uma busca impossível, experimentando dificuldades sempre crescentes que no final levaram a uma derrota total, com um Tratado de Paz assinado sob a sombra da traição a uma determinada parte dos rebeldes preocupados: Quem são aqueles Lanceiros Negros? Os Lanceiros Negros são negros já livres, os libertos pela proclamada República Rio-grandense, com a condição de alistamento em suas tropas, e os escravos confiscados pertencentes ao Império. Os Lanceiros Negros, em sua maioria, são recrutados entre os vaqueiros negros, com longas experiência no tratamento de animais, principalmente na montagem do cavalo. Os Lanceiros Negros são as tropas de ataque do exército Farroupilha. A importância do domínio desses lanceiros no processo da Guerra dos Farrapos pode ser medida por sua

---

<sup>1</sup> - Nomes: Guerra dos Farrapos, ou Revolução Farroupilha. Farroupilhas ou Farrapos (homens vestindo farrapos). República de Piratini, nome dado pelos rebeldes à nova e abortada pela derrota da República secessionista.

participação mesmo na experiência frustrada de constituição de outra República (República Juliana) no vizinho estado de Santa Catarina. Ainda assim, a crescente importância dos Lanceiros Negros é relatada na criação de um Segundo Corpo, um grupo de 426 lutadores. Relatos da Guerra referem-se aos Lanceiros Negros como “excelentes combatentes da Cavalaria, enfrentando o combate com força máxima por saber que a conquista da liberdade para si e para seus irmãos de cor estaria em jogo em toda e qualquer batalha [...] Eles lidam perfeitamente, com notável destreza suas armas favoritas: a lança [...] Eles lutam usando basicamente como seus meios de armas disponíveis onde eles estão lutando [...] Eles andam em seus cavalos sem qualquer sela, apenas na pele dos cavalos [...] Eles carregam punhais, alguns usam facões e poucos usam armas de fogo [...] Vestem ponchos crus de lã – bicharás – ainda usados como cama, cobertor e capa de chuva contra o frio intenso e chuva inclemente nos dias de inverno. Quando lutando a cavalo, os bicharás enrolados no braço esquerdo são usados como uma espécie de escudo para absorver o golpe de espada dos inimigos [...] Eles são altamente habilidosos no uso da “boleadeira” (espécie de laço) como uma arma de guerra. O historiador imperial, Tristão de Alencar Araripe (1848-1911), um duro crítico da República Rio-grandense, registra sobre os Lanceiros Negros: “e agora a República adiciona um poder permanente, por organizar o batalhão batizado de Lanceiros, integrado apenas por escravos, arrastados à força pelos farroupilhas se rebelam contra as propriedades rurais dos leais ao Império, ou dos que voluntários correram para estar sob as bandeiras dos rebeldes, movidos pela esperança da liberdade, e, ainda, por aqueles que viram sua liberdade comprada por simpatizantes dos rebeldes. Três foram depois as fontes dos escravos alistados nas linhas rebeldes: extorsão aos adversários; acordo entre amigos; convite ao oprimido! [...] na escravidão os rebeldes encontraram uma ajuda poderosa para sustentar uma causa que eles costumavam chamar de liberdade”. Examinando esta observação de Araripe, o professor Raul Carrion diz: “O Araripe percebe com acuidade o importante papel desempenhado pelos negros libertos durante a Revolução Farroupilha”, pois “ao proclamar a liberdade pelos escravos que ingressaram nas linhas dos Farroupilhas, vítimas da opressão social avançou na direção dos rebeldes, fazendo com que os comandantes dos farroupilhas receber um número expressivo de homens, que passou a ser a base de seu poderio militar” . Ainda assim, Araripe se alegra com o fato do Rio Grande do Sul ser um estado inexpressivo em termos de escravidão. Porque “se não fosse assim, os rebeldes teriam encontrado uma milícia forte para apoiar seu esforço secessionista; e se assim for, provavelmente a criação

de um país separado fora o Brasil sonhado pelos farrroupilhas teria acontecido.

Outra testemunha ocular da Revolução escreveu que a República de Piratini (nome da cidade onde foi proclamada a República Rio-grandense) nunca proclamou a liberdade dos escravos – um erro enorme, disse ele. Se os líderes o fizessem, um contingente de não menos mais de 6.000 homens seriam adicionados ao exército da República. A ideia geral deixada pelos rebeldes é que os farrapos encontraram nos negros os soldados não são uma espécie de mercenário, nem uma espécie de pessoa passiva – ao contrário, são uma espécie de confiança aliado na campanha dos rebeldes pela emancipação de seu estado. Os negros são aliados dos rebeldes desde a primeira hora, estando entre os primeiros insurgentes, conhecendo os segredos e senhas dos rebeldes e estão no primeiro ataque em massa contra as tropas imperiais. Era muito fácil recrutar escravos para se juntarem às linhas dos rebeldes. De certa forma, a massa dos escravos sonhavam com a chegada dos farrapos, para integrar o exército que os libertaria. Lutar sob a bandeira farrroupilha era visto como uma oportunidade de conquistar a liberdade. Incontável foi o número de escravos que fugiram de seus senhores no vizinho País de Uruguai para servir com as tropas farrapas, na República de Piratini. Quando a Revolução chega ao fim, os farrapos contabilizam duas divisões negras – um na Infantaria e outro na Cavalaria, ambas totalizando mil homens. Pelos números de exército imperial, a participação total dos negros era de um terço ou metade de todo o exército rebelde. Ainda assim, dois mulatos estiveram entre seus principais dirigentes: Domingos José de Almeida, ministro da Fazenda da República de Piratini, natural do longínquo estado de Minas Gerais, e José Mariano de Mattos, duas vezes ministro da Guerra, e ministro da Marinha – ainda, o presidente da República de Piratini, ao longo dos anos de 1838 e 1841. Mattos nasceu no Rio de Janeiro. Cinco e seis anos de conflito entre as tropas imperiais e os rebeldes, as chances da pacificação começou a aumentar. Então, o Governo Imperial, no Rio de Janeiro, passou a se preparar militarmente para um Tratado de Paz. Uma das preocupações do ministro Imperial da Guerra, José Clemente Pereira, era a possibilidade de conflitos diplomáticos se um grande número de escravos, ainda com suas armas, buscassem asilo no vizinho Uruguai, e usassem o país para avançar com a revolução, então vinda do Uruguai. Para evitar um conflito militar com o Uruguai, o ministro da Guerra perguntou a seus assessores se seria necessário abrir um terrível precedente de “conceder liberdade a escravos pelo compromisso de insurreição”. O mesmo Ministro da Guerra considerou possível que uma ação militar no Uruguai levasse a

uma reação imprevista de Juan Manuel de Rosa, o ditador argentino. O mesmo pensamento também preocupava alguns líderes dos farrapos contra a liberdade dos escravos.

Os dirigentes encabeçados por David Canabarro<sup>2</sup> e Antonio Vicente da Fontoura<sup>3</sup> politicamente afastaram os líderes históricos e acabaram discutindo a paz com o Duque de Caxias, o negociador em nome do Imperador do Brasil. Ajustar a paz entre a decadente República e o Império era considerado de alto risco sem dar nenhuma garantia aos negros libertos, que em um longo período de dez anos, lutaram em favor da República pensando que teriam sua redenção. Ainda, foi considerado extremamente difícil trazer de volta os guerreiros negros ao trabalho servil nas fazendas, nas indústrias carne salgada, e os de senzalas com certeza iriam organizar rebelião com o conhecimento que eles têm no campo de batalha.

## A TRAIÇÃO

O Duque de Caxias tem usado como trunfo o ambiente de contradição envolvendo os líderes farroupilhas naquele momento da Revolução. Com o poder do Império, o Duque usou até mesmo ações de chantagem, seduzindo os rebeldes. Neste universo de sombra e conluio o principal general dos farroupilhas, David Canabarro, aceitou um acordo com o Duque para cessar a guerra. Ambos concordaram que uma parte dos soldados farroupilhas deveria ser destruída. E, a parte a ser aniquilada, seriam, exatamente, os guerreiros negros. O cenário acordado nesta fase de traição era uma batalha a ser travada em um determinado lugar chamado Porongos. Em 14 de novembro de 1844, o que a história registra como “A Surpresa dos Porongos”, realmente acontece”. Tem outro personagem aqui, coronel Francisco Pedro de Abreu, apelidado de Chico Pedro ou O Moringue, comandante das Operações de Combate do Império. Ele recebeu do Duque de Caxias instrução precisa a ser seguida: “Durante a batalha poupe o sangue brasileiro sempre que puder, principalmente os brancos da Província ou os índios também, já que você bem sabe que essas pessoas pobres podem ser de alguma utilidade no futuro para nós”. Canabarro fez o que combinou com o Duque: separou os guerreiros negros dos outros soldados. Desconhecendo o convênio clandestino entre Caxias e Canabarro os soldados negros lutaram

---

<sup>2</sup> David Canabarro foi um **militar, estancieiro e comerciante gaúcho**. Ainda jovem, atuou no exército brasileiro em conflitos contra Uruguai e Argentina. Canabarro também foi proprietário de fazendas e também atuou como comerciante. Em sua estância, na fazenda São Gregório, o militar gaúcho teve diversos escravizados.

<sup>3</sup> Antônio Vicente da Fontoura foi um político, diplomata e comerciante brasileiro. Principal líder civil da República Rio-Grandense, negociou a paz de Ponche Verde, que reintegrou o Rio Grande do Sul ao Brasil

bravamente, mas sem esperança – foram massacrados impiedosamente. Um pesquisador, Spencer Leitman, hoje em dia diz: “A ‘Surpresa dos Porongos’ abriu as portas para o Ponche Verde, Mimo da Paz, poucos meses à frente. Os negros farrapos haviam sofrido uma desgraça gravíssima. Oitenta entre cem mortos no campo de batalha eram negros. A ‘Surpresa Porongos’ permaneceu como um segredo militar por muitos anos. Domingos José de Almeida foi o primeiro a desafiar o comportamento de Canabarro em uma pesquisa investigativa que levou 20 anos de trabalho”.

## **A SURPRESA**

Um esquadrão de 40 homens irrompeu sobre um exército completamente desprevenido. Em pânico, de surpresa, o exército emboscado se move em todas as direções, como formigas assustadas — eles estão surpresos, eles estão apavorado. Em vão procuram altos funcionários para organizar as tropas. Um grito correu boca a boca: Moringue! O apelido do implacável comandante das tropas imperiais. Atrás de Moringue move uma onda de soldados bem armados. Para enfrentar tamanha agitação das ondas, correm e estremecem os soldados negros sem armas e enfrentam segurando uma barreira sólida. A situação ficou terrível. Os farrapos estão completamente desorganizados. No entanto, o tempo corre e os guerreiros desarmados vão sendo massacrados por armas de fogo, espadas e lanças das Forças Imperiais. Eles tentam se organizar de alguma forma, e decidem lutar até morrer. Mas a infantaria e a cavalaria irromperam de todos os lugares, e os Lanceiros Negros e outros soldados dos regimentos dos negros são impiedosos aniquilado.